

A IMPORTÂNCIA DA INSERÇÃO DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

- Keila Maria Ramazotti¹
- Keli Cristina Ramazotti Galante²
- Alquimar Geraldo Simões³

Resumo: Não há como prepararmos os jovens para encarar os obstáculos que hão de enfrentar no mundo atual sem ensiná-los competências socioemocionais básicas, como saber selecionar e processar informações, trabalhar em equipe, resolver problemas, tomar decisões e lidar com suas emoções. Levando em conta que o professor é o principal responsável por educar esses adolescentes, já que passa horas com eles em sala de aula, faz-se preciso trabalhar também as habilidades socioemocionais desse profissional, com o intuito de qualificá-lo para que seja capaz de disponibilizar condições de ensino e socialização adequados a seus estudantes. Esse artigo consiste em uma revisão bibliográfica que abordará sobre como surgiram e o que são as competências socioemocionais, qual o papel do professor no ensino destas para os alunos e como estas são inseridas no cotidiano da sala de aula.

Palavras-chave: Competências-socioemocionais. Desenvolvimento. Educação. Jovens.

¹ Formada em Administração e Pedagogia. Docente no CEETEPS. Mestranda em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela UNIARA.

² Bacharel em Ciência da Computação e Licenciatura em Pedagogia. Docente no CEETEPS. Especialista em Gestão Educacional e Tecnologia da Informação. Mestranda em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela UNIARA

³ Licenciatura em Computação. Docente no CEETEPS. Mestrando em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela UNIARA.

INTRODUÇÃO

As últimas décadas vêm sendo marcadas por um processo cada vez mais acelerado de mudanças na sociedade, nas relações do trabalho, no cotidiano das pessoas, na infância e juventude dos nossos estudantes. O acesso ao universo digital está cada vez mais democrático. Desde a mais tenra idade, podemos observar a nova geração manipulando as telas *touch scream* de videogames portáteis, smartphones e tablets com uma desenvoltura impressionante (ABED, 2014).

A universalização dos meios de comunicação digitais altera substancialmente a relação com a informação e com os conhecimentos. Em tempo real, uma foto tirada em um jantar entre amigos pode ser disponibilizada a um número ilimitado de pessoas, potencialmente em qualquer canto do planeta.

Segundo Morin (2002) vivemos uma realidade marcada por muitas e velozes transformações. O desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicações “encurtou o planeta”, alterando o dia a dia da sociedade, instituindo novas demandas e necessidades, provocando um movimento de repensar as crenças que subjazem as práticas nas instituições sociais. Na área acadêmica, modificações paradigmáticas geraram novos fundamentos conceituais que, conseqüentemente, possibilitam novas mudanças tecnológicas e transformações na vida dos indivíduos.

As transformações na maneira como o ser humano se insere e se relaciona no mundo implicam em novas necessidades sociais, que provocam mudanças no papel da escola, a qual deve preparar os alunos para a sua inserção nessa sociedade em movimento (MAMONE, 2018).

Ainda de acordo com Mamone (2018), a sociedade atual se reveste de uma ética da diversidade, de uma perspectiva inclusiva no convívio entre as culturas, em que o respeito, a solidariedade e a cooperação resgatam e valorizam o poder criativo da humanidade. Conhecer o aluno é imprescindível para elaborar atividades que desenvolvam suas funções motoras, sensitivas e cognitivas. A educação na infância e adolescência surge como uma importante estratégia de prevenção, ao ajudar jovens a desenvolver com segurança as suas competências sociais e emocionais. Os educadores precisam estar a par da importância da habilidade social e das condutas interpessoais como condições indispensáveis para uma boa adaptação do adolescente, tanto na atualidade, como em seu desenvolvimento vindouro.

A discussão sobre o papel e a relevância das habilidades socioemocionais ganhou corpo no mundo inteiro ao longo das últimas décadas. Conforme dito por Mamone (2018), na década de 1990, o surgimento do Paradigma do Desenvolvimento Humano, proposto pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e a publicação do Relatório Jacques

Delors, organizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), representaram um importante passo para o debate da importância de uma educação plena, que considere o ser humano em sua integralidade.

Não há como prepararmos as crianças e jovens para encarar os obstáculos que não de enfrentar no mundo atual sem ensiná-los competências socioemocionais básicas, como saber selecionar e processar informações, trabalhar em equipe, resolver problemas, tomar decisões e lidar com suas emoções. Esse artigo consiste em uma revisão bibliográfica e tem como intuito sustentar reflexões e debates que possam contribuir para propostas e o planejamento de diretrizes curriculares, políticas públicas, e projetos político-pedagógicos focados no desenvolvimento completo dos alunos.

1 O QUE SÃO E COMO SURTIRAM AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

O espaço escolar no Ocidente, originou-se e formou-se em torno da difusão dos conteúdos considerados importantes pela sociedade e, portanto, o pensamento e os conteúdos lógicos foram privilegiados. De acordo com Morin & Le Moigne (2000), essa configuração da educação formal, que prioriza apenas os aspectos cognitivos e os conteúdos programáticos sustenta-se em concepções que marcaram a cultura pós-iluminista: a separabilidade; a neutralidade dos conhecimentos científicos; o universo ordenado e imutável; a supremacia da razão. “Penso, logo existo”, dizia Descartes, supervalorizando a faceta racional do ser humano.

Segundo Abed (2014), as políticas educacionais, no Brasil e no mundo, não poderiam ter sido diferentes: foi dada uma importância maior aos “estoques cognitivos”, ou seja, aos conhecimentos programáticos transmitidos em cada uma das disciplinas do currículo escolar. Coerentes com tal abordagem, as políticas de avaliação e as métricas produzidas por meio delas, permaneceram voltadas para esses aspectos, não abrangendo as facetas emocionais e sociais dos estudantes.

Sendo assim, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE).

Segundo a BNCC (Brasil, 2017), competência é a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2013).

As competências socioemocionais são habilidades que você pode aprender; são habilidades que você pode praticar; e são habilidades que você pode ensinar (PORVIR, 2014).

Mamone (2018) afirma que o ensino de competências socioemocionais envolve processos pelos quais crianças e jovens aprendem a adquirir e a aplicar habilidades, condutas e conhecimentos necessários para compreender e gerir emoções no seu dia a dia, a definir e a atingir metas positivas, a sentir e a demonstrar empatia por outras pessoas, a estabelecer e a manter relacionamentos positivos e a saber adotar decisões conscientes.

O aprimoramento das habilidades socioemocionais já existentes auxilia no desenvolvimento de novas capacidades cognitivas e socioemocionais. Os encarregados pelas políticas educacionais, assim como os educadores e pais, constantemente mostraram ter conhecimento da relevância de ensinar aos adolescentes como alcançar propósitos desafiadores, interagir com os outros e enfrentar o estresse. Desta forma, o aprendizado socioemocional é um elemento indispensável aos exercícios curriculares e extracurriculares.

Para Mamone (2018), embora as legislações e os currículos não sejam os únicos instrumentos definidores do ambiente escolar, os sistemas educacionais devem buscar a melhoria das diretrizes existentes, incorporando práticas de sucesso e evidências disponíveis na literatura. A comunidade, a escola, os professores e a família dos alunos podem ampliar a noção das necessidades de abordagem das competências socioemocionais dos jovens e criar ambientes positivos de aprendizagem. Essas habilidades podem ser melhoradas e mobilizadas para aumentar as chances na vida dos adolescentes e da sociedade.

Abed (2014) afirma que alguns setores da sociedade vêm se referindo às competências socioemocionais como “não cognitivas”, como se os aspectos emocionais e sociais do ser humano pudessem ocorrer sem a cognição, sem o pensamento (e o oposto: como se a cognição pudesse ocorrer de maneira independente das condições afetivas). É uma mentira da Modernidade a ideia de que o ser humano é cindido, dividido em pedaços independentes. A realidade é multifacetada por natureza; a aprendizagem, aspecto fundante da realidade humana, também. Muitas são as habilidades de qualidade emocional que estão intrinsicamente envolvidas na aprendizagem: o interesse, engajamento e motivação para construir o vínculo com os docentes e com os objetos do conhecimento; a carga emocional que precisa ser investida na relação com o conhecimento, para que os discentes atribuam sentido pessoal e se posicionem criticamente em relação ao saber; a disponibilidade interna para persistir, para atravessar o

caminho do aprender, que muitas vezes envolve dores e lutos; a resistência à frustração para suportar o processo de amadurecimento ao longo da vida e tantas outras.

De acordo com o site Escola da inteligência (201?), as dez competências socioemocionais propostas pela BNCC são:

- Utilização e valorização dos conhecimentos construídos sobre o mundo social, físico e cultural;
- Exercício de curiosidade intelectual e uso de abordagem própria das ciências a fim de elaborar hipóteses;
- Desenvolvimento de senso estético, visando valorizar e reconhecer as várias manifestações culturais e artísticas;
- Utilização de conhecimento das linguagens artística, multimodal, científica, matemática, digital e tecnológica;
- Utilização de tecnologias digitais de informação e de comunicação de forma significativa, crítica, reflexiva e ética;
- Compreensão das relações do mundo do trabalho e tomadas de decisões alinhadas ao projeto de vida profissional, pessoal e social;
- Argumentação com base em dados, informações e fatos confiáveis para negociar, formular e defender pontos de vista e ideias;
- Autoconhecimento e reconhecimento de suas emoções e das outras pessoas com capacidade de lidar com elas e com a pressão do grupo;
- Exercício de diálogo, empatia, cooperação e resolução de conflitos, fazendo-se respeitar e promover respeito ao outro;
- Ação pessoal e coletiva com responsabilidade, autonomia, resiliência, flexibilidade e determinação.

Cabe ainda lembrar que o livro Tome Nota! (2016), de autoria do Instituto Ayrton Senna et al. afirma que existem dois tipos de competências socioemocionais: as intrapessoais e as interpessoais. A obra ainda cita exemplos destas e a seguir serão expostas as de cunho intrapessoal. São exemplos de competências socioemocionais intrapessoais:

- **Saber reconhecer emoções.** O aluno não entende a variedade enorme de emoções que a psicologia consegue diferenciar. A maioria dos jovens consegue nomear poucas emoções, como tristeza e alegria. Se você não souber identificar as emoções, como poderá lidar com elas?

- **Conhecer as próprias capacidades, fraquezas, personalidade, valores, crenças e motivações.** Entender a si mesmo e reconhecer suas próprias qualidades e limitações permitem que o aluno seja autônomo, faça escolhas conscientes e responsáveis.
- **Compreender como você é percebido e interpretado por outras pessoas.** Muitos dos desafios de relacionamento são superados na medida em que o aluno compreende como os demais o percebem. Com isso, o aluno poderá decidir mudar de comportamento, se ele quiser.
- **Saber gerenciar emoções, pensamentos e comportamento.** É importante que o aluno tenha a capacidade de gerenciar suas emoções, pensamentos e comportamento, para que possa tomar decisões, fazer escolhas e agir de forma consciente.
- **Estabelecer metas, motivar-se e alcançar objetivos.** Aprender a estabelecer metas faz parte do gerenciamento das emoções, pensamentos e comportamentos. Também é essencial para o aluno se motivar e perseverar para alcançar seus objetivos. Comprovadamente, essas habilidades predizem um melhor desempenho na escola e no mundo de trabalho.

Ainda segundo o Instituto Ayrton Senna et al. (2016), são exemplos de competências socioemocionais interpessoais:

- **Apreciar a perspectiva dos outros.** Ser capaz de entender o outro e se colocar no lugar dele permitem que as decisões do aluno sejam mais responsáveis socialmente.
- **Compreender normas e saber identificar oportunidades e recursos disponíveis.** Reconhecer o que pode ser feito e o que é considerado socialmente e eticamente indesejado. É importante que o aluno saiba identificar quem está querendo ajudá-lo, quais oportunidades estão à sua volta e quais os apoios e os recursos que ele tem ao alcance para poder melhor aproveitá-los.
- **Estabelecer e manter relações.** Saber iniciar e manter relações saudáveis com diferentes pessoas e grupos é uma competência socioemocional que demanda outras capacidades do aluno. Ele deve saber ouvir atentamente, comunicar-se de forma efetiva com o outro, cooperar, entre outras.
- **Gerenciar construtivamente problemas em relações.** Saber gerenciar positivamente conflitos, contradições e situações de divergência é muito útil para o aluno, além de ser uma competência fundamental para liderança.

Deve-se lembrar que **saber tomar decisões responsáveis** também é uma capacidade socioemocional. Ter a aptidão para tomar decisões e realizar escolhas baseadas em suas metas,

de forma responsável, pensando nas regras de convivência, no bem comum e as consequências de suas ações, é imprescindível para a preservação das relações interpessoais.

2 O PAPEL DO PROFESSOR NA INSERÇÃO DESSAS COMPETÊNCIAS EM SALA DE AULA

Conforme exposto por Abed (2014), não só os alunos, mas também, e principalmente, os professores, devem desenvolver habilidades socioemocionais. No grupo-classe, composto pelo docente e seus alunos, o professor é um protagonista diferenciado: cabe a ele configurar os contornos e as matizes das relações pessoais para promover aprendizagens significativas e duradouras em seus estudantes. O professor deve ser um mediador que, intencionalmente, observa, avalia, planeja e atua em prol da aprendizagem do outro.

Ainda de acordo com Abed (2014), muitas são as capacidades cognitivas e socioemocionais que precisam ser desenvolvidas para capacitar o aluno a realizar essas tarefas, como por exemplo: análise sistemática dos elementos de uma situação, levantamento de hipóteses sobre possíveis consequências das ações, flexibilidade de pensamento, lidar com expectativas e frustrações, adiar gratificações, envolver-se afetivamente com os acontecimentos, entre tantas outras.

Os professores têm sido publicamente cobrados pelos fracassos na educação e raramente reconhecidos pelos seus sucessos (CARLOTTO, 2011). Segundo a Organização Internacional de Trabalho – OIT (1984), a profissão de professor é considerada como uma das mais estressantes. Independentemente do nível de ensino ou do tipo de escola, pública ou privada, a profissão de professor tem se configurado em alvo de diversos estressores.

Com a crescente evidência de que quando o aluno aprende habilidades socioemocionais favorece seu desempenho acadêmico, frequentemente é solicitado a muitos educadores que promovam estas competências no ambiente escolar. Porém, ao fazer isso, assume-se que o professor já tem – ou supostamente teria esta habilidade, o que nem sempre é a realidade, uma vez que, na maioria dos casos esta temática não é observada em sua formação inicial ou continuada, o que constantemente pode acabar gerando um sentimento de ineficiência e diminuir a satisfação do educador com seu ofício (ZINSSER, CHRISTENSEN & TORRES, 2016; MARQUES & FÓZ, 2020).

Além disso, de acordo com Marques & Fóz (2020), docentes com competências socioemocionais menos desenvolvidas, encontram dificuldade em lidar com suas próprias emoções. Pesquisas correlacionam estes professores a alunos que vivenciaram situações e

emoções negativas em sala de aula, o que pode afetar o nível de ânimo e comprometimento do discente com o estudo. Para Karimzadeh (2014), a sala de aula sempre será superior a qualquer outro ambiente da escola, pois há indícios de que esta tem maior influência no aprendizado do estudante do que o restante do ambiente escolar, o que aumenta o valor da utilização de programas ou intromissões com intuito de ampliar as habilidades socioemocionais do professor como modo de aumentar a qualidade do ensino.

Já educadores com mais habilidades socioemocionais mostram-se mais eficientes no ensino, assim como a melhora destas habilidades está relacionada ao aumento da competência em ensinar (KARIMZADEH, 2014). Entendem mais facilmente os sentimentos de seus alunos e são mais qualificados para dar auxílio em ocasiões emocionalmente árduas; regem e gerenciam o comportamento dos estudantes em sala de aula de forma mais acertada, além de serem mais aptos para desenvolver competências socioemocionais nos alunos. Estas circunstâncias contribuem para que haja um clima saudável em sala de aula, o que conseqüentemente colabora para o êxito acadêmico e pode ampliar a satisfação do educador com seu emprego e diminuir o estresse, gerando um ciclo virtuoso (JENNINGS & GREENBERG, 2009; MARQUES & FÓZ, 2020).

Estes dados evidenciam que programas ou intervenções em aprendizagem socioemocional para os professores, podem além de promover o bem-estar e diminuir o estresse, gerar impactos significativos na educação escolar do aluno (KARIMZADEH, 2014).

Marques & Fóz (2020) reiteram que apesar de existir estudos que atestam que a capacidade socioemocional do professor é essencial para seu contentamento com o trabalho, atenuação do seu estresse, melhoria na qualidade do seu ensino e em sua capacidade de aprimorar as habilidades socioemocionais dos estudantes, ainda são poucas as intervenções ou programas estruturados para o desenvolvimento das capacidades socioemocionais desses profissionais.

No entanto, o professor foi, é e sempre será o maior e mais significativo modelo em sala de aula, além de mediador de construções cognitivas de êxito, o que nos faz entender que, a capacidade do docente de desenvolver as competências socioemocionais dos alunos, indicará o perfil de profissional e pessoa, enquanto um ser humano dotado de sentimentos, valores e ações, que se quer formar.

Ademais, o desenvolvimento destas tão faladas competências, deve ser algo trabalhado desde a infância, como parte do repertório de ações do docente no sentido de assegurar os direitos de aprendizagem do público desta faixa etária, sempre considerando as peculiaridades e realidades locais de cada indivíduo e grupo social o qual está inserido, para que haja, de fato,

uma abordagem segura e digna de ser validada no âmbito do que a BNCC propõe e a sociedade precisa.

3 A INSERÇÃO DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS EM SALA DE AULA

Considerando a realidade escolar de nossa sociedade, em que os alunos passam várias horas na escola, devemos pensar no papel do ambiente escolar como promotor da saúde mental e física dos alunos e dos professores. Trabalhar as dimensões socioemocionais é importante para o enfrentamento de situações desafiantes e para a formação de pessoas autônomas (ABED, 2014; MAMONE, 2018).

O ensino auxilia a possibilitar uma pluralidade de competências que ajudam os indivíduos a encarar melhor as adversidades do dia a dia. É importante que as capacidades socioemocionais sejam consideradas tão imprescindíveis à aprendizagem quanto as competências cognitivas. Competências cognitivas como leitura e letramento científico permitem às pessoas entender melhor a informação para tomar decisões e resolver problemas. Competências socioemocionais como perseverança, estabilidade emocional e sociabilidade também são importantes, pois permitem que as pessoas traduzam melhor as intenções em ações, estabeleçam relacionamentos positivos com a família, amigos e comunidade e distanciem-se de estilos de vida insalubres e de comportamentos de risco. (KAUTZ et al., 2014; MAMONE, 2018).

Segundo Mamone (2018) programas de qualificação de professores – além do foco atual em métodos didáticos de como ensinar matemática, línguas ou história – deveriam dar exemplos práticos de como apoiar e facilitar o desenvolvimento socioemocional dos alunos e ao mesmo tempo, esses programas precisam prestar atenção também nas habilidades socioemocionais dos professores.

Para Metring (2011), a realidade é que o ser humano é definitivamente complexo e, para desenvolvê-lo de maneira completa, é necessário incorporar estratégias de aprendizagem mais flexíveis e abrangentes. Uma das saídas para reconectar o indivíduo ao mundo onde vive passa pelo desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Isso não significa abandonar as competências cognitivas, mas sim, interagir com ambas em prol do indivíduo.

De acordo com estudos realizados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE (2015), os adolescentes precisam de um conjunto equilibrado de capacidades cognitivas e socioemocionais para se adaptar ao mundo atual, cada vez mais exigente, imprevisível e mutante. Aquelas capazes de responder com flexibilidade aos

desafios econômicos, sociais e tecnológicos do século XXI têm mais chances de ter vidas prósperas, saudáveis e felizes. As habilidades socioemocionais são úteis para enfrentar o inesperado, atender múltiplas demandas, controlar os impulsos e trabalhar em grupo (ABED, 2014; MAMONE, 2018).

As habilidades socioemocionais devem ser desenvolvidas por metodologias focadas em causas e interesses dos alunos. É preciso que haja uma intencionalidade pedagógica para que o processo não se torne uma abstração ou algo sem consistência.

Covay e Carbonaro (2010) reiteram a importância de atividades que mobilizem as capacidades socioemocionais, e Mamone (2018) assegura que atividades extracurriculares oferecem grandes oportunidades para que jovens desenvolvam habilidades socioemocionais, por meio de esportes, música, artes e, inclusive, atividades acadêmicas em um contexto informal, com interação entre pares e facilitadores. Espera-se que essas atividades influenciem positivamente as capacidades socioemocionais dos alunos, ao mesmo tempo em que auxiliem no desenvolvimento acadêmico, cultural e físico. Participar de atividades esportivas, oficinas de arte ou de teatro pode elevar o número de competências socioemocionais, incluindo disciplina, capacidade de trabalho em grupo e curiosidade.

Segundo a BNCC (BRASIL, 2017), a escola que acolhe a juventude tem de garantir o prosseguimento dos estudos a todos aqueles que assim o desejarem, promovendo a educação integral dos estudantes no que concerne aos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais – LDB, Art. 35-A, § 7º (BRASIL, 2019), através:

- Da firme convicção na capacidade que todos os estudantes têm de aprender e de alcançar objetivos que, à primeira vista, podem parecer além das suas possibilidades;
- Da construção de “aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea”, como definido na introdução da BNCC (BRASIL, 2017);
- Do favorecimento à atribuição de sentido às aprendizagens, por sua vinculação aos desafios da realidade e pela explicitação dos contextos de produção e circulação dos conhecimentos;
- Do estímulo ao desenvolvimento de suas capacidades de abstração, reflexão, interpretação, proposição e ação, essenciais à autonomia pessoal, profissional, intelectual e política e do estímulo ao protagonismo dos estudantes em sua aprendizagem e na construção de seus projetos de vida;

- Da promoção de atitudes cooperativas e propositivas para o enfrentamento dos desafios da comunidade, do mundo do trabalho e da sociedade em geral.

Nesse cenário de flexibilização das metodologias de ensino, o Conselho Nacional de Educação, no Parecer CNE/CP nº 11/2009 (BRASIL, 2009) prevê as seguintes recomendações:

- Estimular a construção de currículos flexíveis, que permitam itinerários formativos diversificados aos alunos e que melhor respondam à heterogeneidade e pluralidade de suas condições, interesses e aspirações, com previsão de espaços e tempos para utilização aberta e criativa.
- Promover a inclusão dos componentes centrais obrigatórios previstos na legislação e nas normas educacionais, e componentes flexíveis e variáveis de enriquecimento curricular que possibilitem, eletivamente, desenhos e itinerários formativos que atendam aos interesses e necessidade dos estudantes.

Tornar o ensino mais flexível deve ser um princípio obrigatório a ser adotado pelos sistemas e escolas de todo o Brasil, garantidas as competências e habilidades definidas na BNCC do Ensino Médio (BRASIL, 2017). Compete às escolas e aos sistemas de educação empregar a estruturação curricular de sua preferência e que atenda seus contextos e suas condições: áreas, interáreas, componentes, projetos, centros de interesse etc. E independentemente do caminho estabelecido, se faz necessário “romper com a centralidade das disciplinas nos currículos e substituí-las por aspectos mais globalizadores e que abranjam a complexidade das relações existentes entre os ramos da ciência no mundo real” (BRASIL, 2013b).

Para que seja possível tornar o ensino dos jovens menos rígido, pode-se criar ambientes de trabalho que sejam mais colaborativos, de forma a serem arranjos levando em conta os interesses dos estudantes de modo a favorecer seu protagonismo.

Ser protagonista implica atuar livremente e ao mesmo tempo de forma sistematizada, flexibilizando teoria, prática, conhecimento e emoções. O trabalho com projetos interdisciplinares é também uma forma de se desenvolver estas aptidões, pois favorece assuntos variados, que fazem com que os alunos se aproximem subjetivamente e criem alguns laços de aprendizagem.

Embora, cada componente curricular apresente estratégias de propiciar o desenvolvimento das competências socioemocionais, há de se concordar que, todos juntos, devem pensar em uma forma de criar condições necessárias para que o ensino não seja

dissolvido e sim fundido, tornando a aprendizagem mais fácil ao educando. A comunidade toda escolar deve estar participando deste processo, direção, coordenação, professores, pais e alunos, sempre em uma relação de respeito e afeto. Na Figura 1 são expostas algumas das possibilidades de articulação entre as áreas do conhecimento.

Figura 1 – Exemplos de possibilidades de articulação entre as áreas do conhecimento.

Laboratórios: supõem atividades que envolvem observação, experimentação e produção em uma área de estudo e/ou o desenvolvimento de práticas de um determinado campo (línguas, jornalismo, comunicação e mídia, humanidades, ciências da natureza, matemática etc.).

Oficinas: espaços de construção coletiva de conhecimentos, técnicas e tecnologias, que possibilitam articulação entre teorias e práticas (produção de objetos/equipamentos, simulações de “tribunais”, quadrinhos, audiovisual, legendagem, fanzine, escrita criativa, performance, produção e tratamento estatístico etc.).

Clubes: agrupamentos de estudantes livremente associados que partilham de gostos e opiniões comuns (leitura, conservação ambiental, desportivo, cineclube, fã-clube, *fandom* etc.).

Observatórios: grupos de estudantes que se propõem, com base em uma problemática definida, a acompanhar, analisar e fiscalizar a evolução de fenômenos, o desenvolvimento de políticas públicas etc. (imprensa, juventude, democracia, saúde da comunidade, participação da comunidade nos processos decisórios, condições ambientais etc.).

Incubadoras: estimulam e fornecem condições ideais para o desenvolvimento de determinado produto, técnica ou tecnologia (plataformas digitais, canais de comunicação, páginas eletrônicas/*sites*, projetos de intervenção, projetos culturais, protótipos etc.).

Núcleos de estudos: desenvolvem estudos e pesquisas, promovem fóruns de debates sobre um determinado tema de interesse e disseminam conhecimentos por meio de eventos – seminários, palestras, encontros, colóquios –, publicações, campanhas etc. (juventudes, diversidades, sexualidade, mulher, juventude e trabalho etc.).

Núcleos de criação artística: desenvolvem processos criativos e colaborativos, com base nos interesses de pesquisa dos jovens e na investigação das corporalidades, espacialidades, musicalidades, textualidades literárias e teatralidades presentes em suas vidas e nas manifestações culturais das suas comunidades, articulando a prática da criação artística com a apreciação, análise e reflexão sobre referências históricas, estéticas, sociais e culturais (artes integradas, videoarte, performance, intervenções urbanas, cinema, fotografia, *slam*, hip hop etc.).

Fonte: BNCC (BRASIL, 2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Preparar e instruir os adolescentes para superar os obstáculos do século XXI demanda que estes desenvolvam certas competências imprescindíveis para aprender, conviver, viver e trabalhar em um mundo e sociedade cada vez mais complexos. Para educar esses jovens para lidar com as dificuldades e adversidades deste século, é necessário que haja uma expansão do que hoje se conhece por aprendizado. A BNCC em sua versão mais recente defende um ensino flexível e integrado como uma das práticas para alcançar os objetivos propostos anteriormente.

Uma das maneiras de tornar o ensino mais flexível e interessante para os alunos é criar ambientes de trabalho que sejam mais colaborativos, de forma a serem organizados de acordo com os interesses e necessidades dos estudantes, favorecendo então o seu protagonismo. Existem diversos modos de realizar a integração entre as áreas de conhecimento como por exemplo o uso de laboratórios em atividades envolvendo experimentação, observação; pode-se criar também oficinas, que são espaços onde ocorre a construção coletiva de conhecimentos, técnicas e tecnologias, proporcionando um enfoque teórico-prático; núcleos de estudos que promovam debates, estudos e pesquisas do tema de interesse; entre outros.

Cabe ao educador disponibilizar condições adequadas para que seus alunos desenvolvam e edifiquem o conhecimento. Porém, para que isso aconteça é preciso que também seja proporcionado ao docente capacitações e treinamentos para que seja capaz de desenvolver ou aprimorar essas competências primeiramente em si mesmo, pois já foi comprovado por diversas pesquisas que professores com habilidades socioemocionais pouco desenvolvidas acabam não tendo êxito em instruir e aflorar em seus educandos essas competências tão indispensáveis a qualquer ser humano. Além disso, esses profissionais comumente estão ligados a alunos que passaram por circunstâncias e sentimentos negativos na escola, afetando seu comprometimento com o aprendizado.

A paixão pelo conhecimento e o prazer de ensinar movem o professor. Portanto, um profissional que seja valorizado e tenha suas habilidades socioemocionais bem trabalhadas será capaz de contagiar os alunos e estimular nestes o anseio por aprender e se tornarem indivíduos melhores e capazes de enfrentar os desafios do mundo globalizado. Neste sentido, são várias as facetas que envolvem o ensino do desenvolvimento de competências socioemocionais, como um fator de agregação de valores e atitudes ao educando.

São várias as maneiras de se inserir estas aptidões nas práticas de sala de aula. É necessário um engajamento, tanto do professor, quanto do aluno, no sentido de resgatar essências já perdidas nos alunos e essências, muitas vezes, não encontradas pelos professores.

Sendo assim, as competências socioemocionais surgiram como apoio ao aprendizado, estando direta e indiretamente relacionadas ao processo ensino-aprendizagem, trazendo uma formação não só acadêmica, mas também humanizada ao aluno, o que o conduzirá a enfrentar os desafios impostos pela vida, dando-lhe condições de superá-los e também de atuar com reciprocidade ao próximo, quando tais desafios surgirem em seu caminho. Portanto, promover o desenvolvimento destas aptidões, gera no discente o potencial de ser autor de sua própria história.

REFERÊNCIAS

ABED, A. L. Z. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica**. São Paulo. 2014.

Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15891-habilidades-socioemocionais-produto-1-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 25/05/2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Conselho Pleno. **Parecer nº 11, de 30 de junho de 2009. Proposta de experiência curricular inovadora do Ensino Médio**. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de agosto de 2009, Seção 1, p. 11. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=165-ppc011-09-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 05/06/2020.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Caderno de Educação em Direitos Humanos**. Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais.

Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32131-educacao-dh-diretrizesnacionaispdf&Itemid=30192>. Acesso em: 05/06/2020.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013b.

Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 05/06/2020.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Comum Curricular – Ensino Médio**. 2017.

Disponível em: <

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 10/05/2020.

BRASIL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Coordenação de Edições Técnicas, Senado Federal, Brasília. 3. ed., 2019. Disponível em:

<<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/559748>>. Acesso em: 05/06/2020.

BRUENING, P. **A história, os pilares e os objetivos as educação socioemocional.** 2018. Disponível em: <<https://revistaeducacao.com.br/2018/08/01/historia-os-pilares-e-os-objetivos-da-educacao-socioemocional/>>. Acesso em: 10/06/2020.

CARLOTTO, M. S. Síndrome de Burnout em Professores: Prevalência e Fatores Associados. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 27, n. 4, p. 403–410, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400003>>. Acesso em: 10/06/2020.

CARVALHO, R. S. de; SILVA, R. R. D. da. Currículos socioemocionais, habilidades do século XXI e o investimento econômico na educação: as novas políticas curriculares em exame. **Educar em Revista**, n. 63, p. 173-190, 2017. Disponível em: <[10.1590/0104-4060.44451](https://doi.org/10.1590/0104-4060.44451)>. Acesso em: 25/05/2020.

COVAY, E.; CARBONARO, W. After the bell: participation in extracurricular activities, classroom behavior, and academic achievement. **Sociology of Education**, vol. 83, n. 1, p. 20-45, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0038040709356565>>. Acesso em: 10/06/2020.

ESCOLA DA INTELIGÊNCIA. **BNCC e competências socioemocionais: educando com mais qualidade.** [201?]. Disponível em: <<https://escoladainteligencia.com.br/bncc-e-competencias-socioemocionais-educando-com-mais-qualidade/>>. Acesso em: 10/06/2020.

INSTITUTO AYRTON SENNA et al. **Tomando Nota!**: Sobre o desenvolvimento das Competências Socioemocionais nas escolas. [S. l.: s. n.], 2016. 44 p. Disponível em: https://www.institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/atua%C3%A7%C3%A3o/centros/edulab21/Livro_TomandoNota_Final.pdf. Acesso em: 10/06/2020.

JENNINGS, P. A., & GREENBERG, M. T. The Prosocial Classroom: Teacher Social and Emotional Competence in Relation to Student and Classroom Outcomes. **Review of Educational Research**, v.79, n.1, p. 491–525, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.3102/0034654308325693>>. Acesso em: 10/06/2020.

KARIMZADEH, M., SALEHI, H., EMBI, M. A., NASIRI, M., & SHOJAEE, M. Teaching efficacy in the classroom: Skill based training for teachers' empowerment. **English Language Teaching**, v. 7, n. 8, p. 106–115, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.5539/elt.v7n8p106>>. Acesso em: 10/06/2020.

KAUTZ, T; HECKMAN, J. J.; DIRIS, R.; WEEL, B. T.; BORGHANS, L. **Fostering and Measuring Skills: Improving Cognitive and Non-Cognitive Skills to Promote Lifetime Success.** *OECD Education Working Papers*, nº110, Publicação OCDE, 2014. Disponível em: <<https://www.nber.org/papers/w20749>>. Acesso em: 10/06/2020.

MAMONE, F. C. As competências socioemocionais e sua importância para os processos de aprendizagem escolar. **Conquista Solução Educacional.** 2018. Disponível em: <<http://conquistaeducacao.com.br/wp-content/uploads/2018/09/Compet%C3%A2ncias-Socioemocionais.pdf>>. Acesso em: 15/05/2020.

MARQUES, A.; FÓZ, A. **Competência socioemocional do professor – impactos.** [2020]. Disponível em: <<https://neuroconecte.com/artigo-competencia-socioemocional-do-professor-impactos/>>. Acesso em: 10/06/2020.

METRING, R.A. **Neuropsicologia e aprendizagem: fundamentos necessários para planejamento de ensino**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2011.

MORIN, E. & LE MOIGNE, J. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000, 268 p.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002, 130 p.

OCDE. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Competências para o progresso social: O poder das competências socioemocionais**. 2015. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1787/9789264249837-pt>>. Acesso em: 10/06/2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **A condição dos professores: a condição dos professores recomendação Internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condição dos professores**. Genebra: OIT/ Unesco, 1984. Disponível em: <<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/a%20condi%C3%A7%C3%A3o%20dos%20professores.pdf>>. Acesso em: 11/06/2020.

PRADO, S. T. L.; AMOROSO, S. R. B. **A inteligência socioemocional e a aprendizagem**. [201?]. Disponível em:

<http://nipromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/e0d6b0d4fbdfcac0b56f3eec5ff98b31.pdf>. Acesso em: 26/05/2020.

PORVIR. **Especial Socioemocionais**. [2014]. Disponível em: <<https://socioemocionais.porvir.org/>>. Acesso em: 10/06/2020.

ZINSSER, K. M., CHRISTENSEN, C. G., & TORRES, L. (2016). She's supporting them; who's supporting her? Preschool center-level social-emotional supports and teacher well-being. **Journal of School Psychology**, v. 59, p. 55–66, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jsp.2016.09.001>>. Acesos em: 10/06/2020.